

Uma carta de inícios

*o mundo de orvalho
é um mundo de orvalho
e ainda...*

– Issa



Introdução

Bem vinda a este nosso preâmbulo à jornada!

Passaremos juntas a próxima temporada, em trabalho focado ao redor dos temas sazonais de colheita, decantação, liberação e renovação. Entendida como uma estação de energia introspectiva na medicina chinesa, o Outono é um período que nos convida à fruição e inventário dos finais e o preparo do solo (e do sonho) germinador dos começos (lembrando que, para a gente, ele inaugura também o ano novo astrológico).

Nesta *atravessia*, e a cada etapa, descobrirá novos espaços e possibilidades de diálogo consigo, e experimentará com novas formas, potências e linguagens, descobrindo, quiçá, aspectos seus antes desconhecidos.

É impossível saber ao certo em que nova terra emergimos após uma jornada com os óleos essenciais. São tantos os fatores que eu só posso imaginar os universos que disso podem desdobrar – e quantas vezes não entramos no processo pensando em passar por uma porta e, quando vemos, a que se abriu era outra totalmente diferente? O que posso dizer é que algo sempre se mexe. E eu a convido a confiar nessa sabedoria misteriosa dos processos, estamos aqui em terra de *kairós*.

Seis semanas é um período longo para trabalhar com intenção em cima de qualquer coisa, e a atenção engravidada os processos. O bonito a saber é que a consciência, o *eu* que quer, nunca está sozinha, ela vem acompanhada disso que é a profundidade que nos habita e nos liga ao todo,

e essa profundidade tem voz. Quando entramos em processos com os óleos, a profundidade é convocada a participar em mais conversa com a nossa consciência.

Tem a ver com uma certa disposição consciente de trabalhar com aquilo que está ali, e sempre está ali. Confiar no processo é estar em conversa e escuta com o que se apresenta.

Outono é temporada do elemento metal, na MTC, e isso nos fala também dos processos conscientes, daquilo que olha e separa e, dali, escolla. Seguir junto ao fluxo não é estar à deriva em alto mar mas, ir lançando as velas e remando em atenção àquilo que também está lá fora. Quando fazemos os esforços em conjunto, a coisa é mais prazerosa e rica diante dessas tantas possibilidades de mudança, de ampliação e transformação.

Estranho dizê-lo, mas considero o outono uma fase propícia aos começos, como ponto de inventário sensível ao que estamos colhendo dos impulsos primaveris anteriores, e ao que estamos sentindo e desejando ser plantado no futuro. Aqui, preparamos a terra para um novo gesto na primavera futura (ali no mês de outubro); é aqui, neste encontro entre passado e devir, que o iniciamos.



Uma mochila

Cada percurso nos apresenta a certos elementos de flora e de fauna; para cada percurso, montamos uma certa mochila.

Para esta temporada, trabalharemos com o sentido principal da estação: o olfato. Farejar é um gesto que nos lembra do selvagem que habita em nós, fala do contato com o invisível, com aquilo que é sentido sem que tenhamos às nossas mãos as palavras de designio.

A cada passo, a sabedoria vegetal vai abrindo nosso caminho e povoando as alamedas com seus seres, memórias, imagens e sensações. Em nossa mochila, então, um caderno-lar para a abrigar e dar sentido à nossa experiência. É nele que faremos os registros, as indagações e as nossas notações de campo. É nele que a nossa pesquisa poética se desenrola.

A mochila como gesto em si é um passo de ritual: *como me preparam para os processos? O que sei que quero levar comigo? Quais são os recursos que hoje tenho em mãos?*

Não chegamos em nenhum paradeiro sem ter conosco uma história e um tanto de conhecimento, a mochila é montada ao longo da vida. Esta é uma hora propícia para olhá-la. A mochila conta uma história também das nossas escolhas. *O que carrego que talvez não preciso mais?*

Juntas, experimentaremos com outros recursos que talvez possam compor com os seus: as práticas de corpo, também lar e nau; as práticas poéticas de escuta, convites à forma e ao reconhecimento daquilo que se move nas águas olfativas e oníricas; a poesia, essa linguagem híbrida, molhada e conduzente.

Os sonhos: um convite

Quando entramos em qualquer percurso, as nossas águas internas, aquelas as mais profundas, elas têm uma opinião, são os sonhos um caminho para descobri-las. Nesses dias, até nosso primeiro encontro, meu convite a você é que possa ir criando um hábito, um ritual, uma cerimônia, de lembrar seus sonhos.

Muitas pessoas esquecem os sonhos de imediato quando acordam. Eles são seres fugidios. Uma prática que pode ajudar é, assim que você começar a acordar, dedicar uns minutos silenciosos para buscar as pontas do sonho que vai se desfioando. É uma tarefa difícil, assegurar o espaço vazio e aberto na mente, para que os dedos da consciência possam buscar aquilo que foge.

A mente às vezes se inunda de frases e afazeres e listas: respire fundo e suave, sentindo o espaço vazio voltando, o ar empurrando o ruído para fora, ele pode esperar. Assim que achar o fio, siga-o refazendo o precioso tecido onírico.

O inconsciente é um fenômeno, a um só tempo, coletivo e pessoal. Um sonho meu pode ter significado e ressoar, de repente, em você. Por e-mail, junto aos relatos, pode me enviar também seus sonhos, para irmos tecendo juntas uma rede também onírica.

Em 2021, participei de uma oficina intitulada [Sonhário](#), conduzida pelas artistas Vânia Medeiros e Beatriz Cruz. Por algumas semanas, anotamos e compartilhamos nossos sonhos em grupo, ao lado de outras tantas práticas, mas ainda tenho viva em mim a sensação mágica e potente de ouvir e me deixar visitar por tantas imagens. O convite que deixo nasceu dessa experiência que já há anos carrego viva em mim.

O outono é uma temporada de preparo para o sem-luz do inverno: a initimidade criada com o sonhar e com as águas é um passo lindo para nos aclimatar à lenta ascensão da escuridão, para abrir os nossos olhos da noite.

Está aberta então a casa! Esta casa-tempo-espacço que será reconhecida, revelada e construída ao longo dos dias, onde poderá se nutrir e abrigar.

Deixo o convite para que faça ela sua, em qualquer um de seus aspectos, com toda a liberdade possível. Não há erro aqui.

Nos vemos já já!

Um abraço,
Ana

Ode ao odor da lenha

Tarde, com as estrelas
abertas ao frio
abri a porta.
O mar
galopava
na noite.

Como uma mão
da casa escura
saiu o aroma
intenso
Visível era o aroma
como
se a árvore
estivesse viva.
Como se todavia palpitasse.
Visível
como uma vestidura.
Visível
como uma rama rota.

Andei
para dentro
da casa
rodeado
por aquela balsâmica
obscuridade.
Lá fora
as pontas
do céu cintilavam
como pedras magnéticas
e o odor da lenha
me tocava
o coração
como uns dedos,
como um jasmim,
como algumas memórias.

Não era o odor agudo
dos pinhos,
não,
não era
a ruptura da pele
do eucalipto,
não eram
tampouco
os perfumes verdes

da vinha,
mas
algo mais secreto,
porque aquela fragrância
uma só,
uma só vez
existia,
e ali, de tudo que vi no
mundo,
na minha própria
casa, de noite, junto ao mar
de inverno,
ali estava me esperando
o odor
da rosa mais profunda,
o coração cortado da
terra,
algo
que me invadiu como uma
onda
desprendida
do tempo
e se perdeu em si mesmo
quando eu abri a porta
da noite.

- Pablo Neruda.

Roubo da manhã

Cedo na manhã em luz de nuvens
ao som das últimas
chuvas pingando ao raiar
das pontas dos galhos
no dia de verão
eu assisto ao abrir das flores de palma
rosa coral em meio ao ar
entre o plissado de leques verde-nuvem
enquanto sento por um instante após o café
lendo algumas páginas
sob a sombra da sensação
de que estou roubando
o tempo de algo
que deveria estar fazendo
então o prazer do roubo faz parte

-W.S. Merwin